

Alta do “bônus de saída” brasileiro

GAZETTA MERCANTIL

por Celso Pinto
de Londres

O que previam algumas instituições financeiras mais atiladas aconteceu. O não-pagamento pelo Brasil de juros sobre empréstimos, no dia 15, acabou ajudando a empurrar a cotação dos “bônus de saída” (“exit bonds”), cujos juros continuam sendo honrados em dia.

O “exit bond” — cujo nome técnico no mercado é Brazilian Investment Bond, BIB —, até meados de agosto, estava cotado em torno de 0,5 ponto percentual abaixo da cotação dos empréstimos (os DFAs). Ontem, os BIBs estavam cerca de 7 pontos percentuais acima dos DFAs.

Quem acreditou nos “exit bonds” e fez posições nos últimos meses ganhou muito dinheiro com a valorização no mercado. “Estamos muito contentes”, admitiu a este jornal uma fonte de um dos maiores bancos ingleses.

Na verdade, nos últimos dias, os DFAs e os BIBs tiveram rumos diversos. Enquanto o DFA caía mais um pouco nos últimos dois dias, o BIB ficou firme e, como disse uma fonte do mercado, “começa a ganhar vida própria, independente do que acontece com o DFA”.

Os DFAs estavam sendo negociados ontem entre 29,75 e 30,5 centavos por dólar (ou seja, com um deságio entre 70,25 e 69,5%), cerca de 0,5 ponto percentual abaixo do início da semana. Os “exit bonds” estavam cotados entre 37,25 e 37,75 centavos por dólar (deságio entre 62,75 e 62,25%). Desde o início de setembro, quando o Brasil efetivou a emissão de “exit bonds” acertada com os bancos internacionais, no ano passado, os BIB têm subido a um ritmo em torno de 1 ponto percentual por semana.

Existem várias razões apontadas pelo mercado

(Continua na página 16)

“Nenhum banqueiro veio aqui nos elogiar”, admitiu o ministro Mailson da Nóbrega, após reunião com representantes de três bancos credores em Nova York, aos quais procurou explicar por que o Brasil não pagou os juros. Mailson apresentou aos banqueiros “algumas ideias novas” para reduzir a dívida externa, informou Sérgio Amaral, assessor do ministro.